

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução: Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. 1. ed. Brasília, DF. Editora Monergismo. 2018. 276 p.

## No crepúsculo do pensamento ocidental: uma resenha crítica

Filipe Dias de Souza<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Engenheiro pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com especialização em gestão financeira pelo Insper. É estudante do Invisible College, com especial interesses em filosofia.

Podemos analisar a realidade de um ponto de vista neutro? Isso certamente parece possível em algumas áreas do conhecimento. Podemos dizer que todos os matemáticos concordarão com “ $2 + 2 = 4$ ”, independente de sua religião ou experiência de vida. Essa objetividade da matemática e das ciências naturais levou muitos filósofos a buscar nessas disciplinas um método que tornasse a filosofia igualmente objetiva e a livrasse das muitas contradições de seus autores. Kant, em sua crítica transcendental, lidou com esse problema buscando estabelecer as condições que possibilitam o conhecimento humano. A análise kantiana restringiu o alcance das nossas investigações àquilo que estivesse dentro das categorias de espaço e tempo, relegando Deus e o ego humano à dimensão do inatingível. Em todo esse desenvolvimento filosófico, no entanto, uma máxima permaneceu: a autonomia da razão. Essa foi e continua sendo amplamente considerada a base de todo empreendimento intelectual. Dooyeweerd, porém, empreende outra crítica transcendental, mais radical<sup>2</sup> que a kantiana, buscando as bases que sustentam o próprio pensamento teórico. A obra *No crepúsculo do pensamento ocidental* apresenta um excelente resumo do projeto dooyeweerdiano, claro e conciso, porém denso e profundo. A conclusão é que existem elementos mais fundamentais que sustentam o pensamento teórico e, dessa forma, este não pode ser considerado autônomo.

O motivo para uma crítica transcendental em Dooyeweerd se assemelha ao do criador do método, Immanuel Kant. Ambos se mostram perplexos diante das muitas

---

<sup>2</sup> Radical em sentido técnico, que se aproxima mais da raiz da questão.

antinomias da história da filosofia. Nos mais diversos temas filosóficos, pensadores alegam partir puramente da razão, mas chegam a conclusões diametralmente opostas. Para Dooyeweerd, isso é sinal de que há pressupostos ocultos direcionando o pensamento teórico. Assim, para entender esses pressupostos, precisamos analisar o pensamento teórico. Aqui temos uma proposta muito interessante e que consideramos criativa e consistente: o pensamento teórico não é representativo de toda a realidade, mas parte apenas do aspecto lógico do homem em oposição aos demais aspectos<sup>3</sup>. Isso significa dizer que, quando pensamos teoricamente, somos incapazes de conceber a realidade plenamente, mas o fazemos sempre de forma dissociativa, olhando apenas para um dos modos pelo qual as coisas se mostram a nós. A matemática examinará o aspecto numérico do mundo, a biologia, o aspecto biótico, o direito, o aspecto jurídico e assim para cada uma das ciências. A atitude teórica sempre envolve fragmentação, sendo oposta à experiência pré-teórica, na qual experimentamos as coisas de forma plena.

Se o pensamento teórico nasce sempre do aspecto lógico do homem, para chegarmos às pressuposições mais fundamentais que dirigem esse pensamento, temos que caminhar em direção ao ego humano, a partir de onde se manifestam os vários modos de ser de uma pessoa, incluindo seu modo lógico. Contudo, quando nos dirigimos em direção ao ego humano, parece impossível apreendê-lo conceitualmente. Como o próprio Dooyeweerd admite, o “eu” parece ser um conceito vazio, que desaparece como um fantasma sempre que tentamos capturá-lo. O melhor que podemos fazer é tentar compreendê-lo à luz de suas relações fundamentais. Dessa forma, alguns propuseram definições do ego humano em relação à ordem temporal do mundo, mas não conseguiram mais que uma ideia reducionista de homem como “ser racional” ou “ser moral”. Outros, mais recentemente, partiram da relação do homem com outras pessoas, chamada também de relação eu-Tu, mas novamente não acharam terra firme, já que o ego do “tu” é tão enigmático quanto o do “eu”. Para Dooyeweerd, a questão se resolve na relação do homem com sua Origem, isto é, o conhecimento do homem passa necessariamente pelo conhecimento de Deus, que só é possível pela ação do Espírito Santo no coração<sup>4</sup>.

A tese certamente não é nova, pois Agostinho e Calvino já haviam estabelecido esse ponto séculos antes, mas Dooyeweerd traz desenvolvimentos adicionais interessantes. Para ele, o homem é um ser eminentemente religioso e o coração é o centro religioso de sua existência. A Queda de Adão rompeu a ligação do ego com a sua origem, mas o caráter religioso do coração permanece, de forma que, se essa ligação não for restaurada pelo Espírito Santo, o homem buscará uma origem absoluta na ordem temporal. Essa

---

<sup>3</sup> Dooyeweerd entende que a realidade se apresenta a nós de 15 modos distintos, que são os aspectos modais da realidade.

<sup>4</sup> Coração, ego, eu e centro religioso são termos usados aqui com o mesmo significado.

absolutização de um aspecto da realidade é equivalente à idolatria e será incapaz de explicar outros aspectos dessa mesma realidade, o que faz surgir um contra-ídolo, uma força oposta que atua como resposta à incompletude do ídolo. Esse é um processo dialético que acontece ao nível comunitário e, quando se consolida em uma sociedade, torna-se aquilo que Dooyeweerd chamou de motivo-base. No mundo ocidental contemporâneo, o motivo-base dominante seria natureza-liberdade<sup>5</sup>, que nasce de uma idolatria das ciências naturais e sua capacidade de análise do mundo em termos de causa e efeito, mas acaba por ser incapaz de explicar a responsabilidade ética, fazendo surgir o contra-ídolo da liberdade. Natureza e liberdade, ao mesmo tempo que se encontram em uma tensão irresoluta, formam o imaginário das pessoas e acabam por servir como um fundamento tácito para toda atividade intelectual. Dooyeweerd pode agora responder com clareza porque o pensamento teórico não é autônomo nem neutro: há um motivo-base, resultado de um impulso religioso do coração que direciona tudo que fazemos.

A partir desses conceitos, Dooyeweerd desenvolve outras duas ideias em seu livro. A primeira delas é a respeito da Escola Histórica, um movimento intelectual iniciado no final do século XVIII, com forte influência ainda hoje, que tende a reduzir toda a realidade a seu desenvolvimento histórico. Ética, estética, fé, linguagem e outros aspectos não têm outra raiz além de forças históricas. A História é a força absoluta que molda o restante. A análise do historicismo dá concretude aos conceitos mais abstratos tratados anteriormente no livro.

A segunda ideia é a respeito da relação entre filosofia e teologia. Numa filosofia distintamente cristã, a teologia não deveria servir de base para a filosofia? Dooyeweerd entende que não. Apesar de ter as Escrituras como seu principal objeto de estudo, a teologia bíblica é uma ciência tal qual as demais e, nesse sentido, não pode ser base para as demais disciplinas. Tanto uma filosofia cristã quanto a teologia bíblica deveriam ter o mesmo fundamento: o motivo-base cristão, criação-queda-redenção, dado em sua Palavra-redenção. Cremos que as distinções são convincentes, mas a questão nos parece mais intrincada. A filosofia de Dooyeweerd certamente se apoia, ainda que parcialmente, em uma tradição teológica. Outros filósofos que também partiram do motivo-base cristão discordaram de Dooyeweerd. Como entender isso? Parece que o motivo-base não dá uma direção totalmente unívoca ao pensamento, mas se abre num certo espectro de possibilidades, influenciado por outras questões, dentre as quais, a teologia. Seria interessante entender como o próprio Dooyeweerd entende sua filosofia em relação à sua tradição filosófica.

Em suma, *No crepúsculo do pensamento ocidental* nos oferece uma poderosa

---

<sup>5</sup> Dooyeweerd lista ainda outros 3 motivos base que dominaram o Ocidente em algum ponto da história: (i) o motivo-base grego matéria-forma, (ii) o motivo-base cristão criação-queda-redenção e (iii) o motivo base escolástico natureza-graça.

ferramenta para lidar com a forma como encaramos o empreendimento intelectual. A obra é exigente por conta de seu vocabulário técnico e amplo diálogo com a história da filosofia, mas a leitura é recompensadora.